

JAZZ

15 MARÇO 2016

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Eric Revis Trio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Contrabaixo Eric Revis Piano Kris Davis Bateria John Betsch

Ter 15 de março
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Retorno ao futuro

A primeira referência que nos vem à ideia ao ler ou ouvir o nome de Eric Revis é o facto de o contrabaixista pertencer ao quarteto de Branford Marsalis há nada menos do que 17 anos. A reação de quem dele conheça pouco mais do que esse dado biográfico é para o definir como alguém que vem procurando dar frescura ao jazz *mainstream* – de resto, em acordo de vontades com o líder saxofonista. Entrar no mundo de Revis é, no entanto, perceber que estamos perante um caso singular. Outros músicos existem em semelhantes circunstâncias, mas a sua singularidade está em apresentar essa condição como o fator chave da sua atitude face à arte dos sons: acontece que o mesmo músico que também integra o Kurt Rosenwinkel Trio (figura que, como ele, frequenta as autoestradas do jazz mas também os caminhos de terra do género, com o grupo Human Feel) toca igualmente em trio com Peter Brotzmann e Nasheet Waits, bem como, na banda Parallax, com Ken Vandermark e outro *jazzman* transversal aos estilos, Jason Moran. Ou seja, é em paralelo um dos protagonistas da cena de vanguarda dos Estados Unidos.

Acontece que Revis se rege por um conceito que anula as argumentações da polémica *mainstream*-vanguarda, designando-o com o título geral de uma popular série de filmes, *Back to the Future*. Este “retorno-ao-futuro” tem um enunciado muito simples («quanto mais longe recuo, mais “moderna” a minha música se torna»), mas enormes implicações musicológicas e até esté-

ticas. O também compositor acredita que a tradição do jazz encerra em si as pistas para a invenção do jazz do futuro, pelo que é no património histórico que vai buscar os fundamentos das ideias inovadoras que aplica em qualquer dos contextos em que se move, sejam os tradicionalistas (não tanto assim, em consequência) ou os mais experimentais (menos tentativos estes porque sustentados no que antes se fez).

Por palavras suas: «É uma infelicidade haver tantos músicos com uma mentalidade exclusivista. Muitos fatores poderão explicar isso, mas regra geral deve-se essa compartimentação à relutância das pessoas em desenvolverem o trabalho necessário não só para tocar, mas também para apreciarem verdadeiramente o que consideram ser “diferente”. O ser humano tende a não saber do que gosta... Ou melhor, gosta do que já conhece. Quando cheguei à música, foi com o princípio de não me submeter a uma hierarquia estilística. Sempre tive a tendência para mergulhar nos mecanismos das coisas que acho interessantes. Ao fazê-lo, tornou-se-me evidente que há certas qualidades universais em todas as músicas.»

Eric Revis não seguiu o aceso debate entre Wynton Marsalis e Anthony Braxton que definiu as posições do jazz preservacionista de um lado e do criativo do outro, mas decerto não teria tomado partido por nenhuma. E não apenas devido às suas ligações à família Marsalis, pois, além da sua relação de trabalho com Branford, foi aluno do pai dos dois irmãos, Ellis Marsalis. Diz ele a propósito da polémica: «Admiro

ambos esses homens, pois fizeram o esforço de construir as suas narrativas de acordo com as respetivas filosofias musicais. Acho isso admirável.» Aliás, foi com especial agrado que soube do lançamento pela Clean Feed, a mesma etiqueta que editou o seu *City of Asylum* e o novo *Crowded Solitudes*, de um disco do trompetista Nate Wooley, ícone do jazz mais experimentalista, com composições de Wynton Marsalis. «Parabéns ao Nate por permitir que a sua visão e as suas escolhas de materiais ultrapassassem esta divisão ontológica. Ainda não ouvi (*Dance to*) *The Early Music*, mas estou ansioso por esse momento», comenta.

Uma pergunta se suscita... Será que o Eric Revis que toca com Branford Marsalis e Kurt Rosenwinkel, que acompanhou Betty Carter, Lionel Hampton e McCoy Tyner, que colaborou com Steve Coleman e com Peter Brotzmann e que colidira o exploratório trio Tarbaby é sempre o mesmo? A resposta: «Sim e não. Sou um músico diferente quando toco com uns e outros somente porque sou um músico diferente, ou os 20 anos que levo a fazer isto teriam sido um desperdício. Um dos primeiros objetivos de um músico, e particularmente de quem integra uma secção rítmica, é respeitar não só a música como o contexto em que se insere. A minha postura foi sempre a mesma com todos os músicos com quem toquei, fossem *mainstream* ou de vanguarda. Tenho responsabilidades e adoro assumi-las. Como disse o meu querido amigo, o saxofonista, JD Allen, “deixa que o castigo corresponda ao crime”.»

Estamos, portanto, diante de um músico desalinado, um músico cuja fidelidade à causa do jazz e da improvisação não o impede de ouvir outros idiomas musicais como o *hip-hop*, o rock e a música erudita contemporânea. Afirma ele, para «ampliar» o seu «leque de recursos e escolhas»: «O meu único compromisso é dar uma lógica inerente à música que toco. Essa lógica não é preconcebida... embora também haja espaço para tal. Repare-se que até a maior parte dos grandes livre-improvisadores trabalha com construções muito elaboradas e lógicas, ainda que regra geral sejam não-lineares. Um estudioso da escrita, da linguagem e da sintaxe pode decidir escrever extemporaneamente, mas não cometerá erros ortográficos. Adoro o que Derek Bailey fez: não só era um instrumentista revolucionário como uma das mais fascinantes mentes musicais que já existiram. O meu interesse particular vai para a improvisação, mas tenho um enorme respeito por aqueles que atualizam a sua arte, mesmo que isso signifique deixarem de improvisar.»

No meio disto, surge o Eric Revis Trio. Ou Trios, dado que um dos vértices do triângulo, o do baterista, tem variado de ocupante. No já mencionado *City of Asylum* quem está registado é Andrew Cyrille, veterano ritmista que se manteve na Unit de Cecil Taylor durante uma década. Em *Crowded Solitudes* as baquetas são seguradas por Gerald Cleaver, um dos valores maiores da nova geração. Nesta vinda a Portugal do grupo, Revis decidiu incluir outro histórico, John Betsch, conhecido

sobretudo pela sua longa colaboração com Steve Lacy, mas também pelas associações a Marion Brown, Abdullah Ibrahim, Henry Threadgill e Mal Waldron. Os convites a Cyrille e Betsch são bastante simbólicos: a tradição em que Revis pega, neste caso, é a do *free jazz*, não a do *be bop* ou do *hard bop*, mas frequentes no seu percurso. Significativa é, ainda, a inclusão de um expoente do pianismo jazz em emergência como Kris Davis, mais uma vez traduzindo numa personalidade e na sua circunstância a fórmula de renovação estilística tão cara ao músico.

«Sempre gostei de tocar num trio de piano e sempre desejei formar um que fosse meu. Há alguns anos, tive a oportunidade de me juntar ao quarteto do saxofonista Bill McHenry no Village Vanguard, ao qual pertencia Andrew Cyrille. No final dessa semana, convenci o Sr. Cyrille, cuja música eu ouvia há muito tempo, e a Kris, de quem era fã, a irem comigo para estúdio gravar *City of Asylum*. Mas ainda que eu tivesse a noção da importância histórica destes artistas – sim, incluo Kris Davis, apesar de ser mais jovem –, a minha única preocupação era criar música com pessoas que admiro», explica Revis.

Não surpreende, assim, que a ênfase destes trios vá para a improvisação “livre”, com aspas porque Revis considera que nunca o improvisado pode ser completamente o que tal designação anuncia – o próprio trajeto de um músico, a sua formação, os seus interesses, o instrumento que toca com todo o seu histórico e as suas limitações físicas e lexicais, até o público e o espaço agem

já como pauta para a espontaneidade. «Até quando há material escrito, sejam as minhas próprias composições ou as peças de Thelonious Monk e Keith Jarrett que utilizamos, trata-se apenas de bases para nós podermos “dançar”. O que torna este processo efetivo é a perspetiva que partilhamos coletivamente enquanto grupo», sustenta.

Para todos os efeitos, e ao contrário do que fazia Duke Ellington com a sua orquestra, assim tendo firmado um padrão para a posteridade, Eric Revis nunca compõe tendo em conta indivíduos particulares. As peças previamente preparadas que vamos ouvir serão interpretadas por Betsch como foram antes, à sua (deles) maneira, por Cleaver e Cyrille: «John Cage disse uma vez que os artistas têm de ser capazes de se divorciarem das suas preferências, de maneira a que a música se emancipe dos gostos particulares do compositor. Pode haver a tendência para aplicar noções preconcebidas quando se compõe especificamente para a interpretação de um ou outro executante e isso acaba por limitar as vozes individuais para as quais se destina uma partitura. O que, obviamente, não acontecia com Ellington...»

Num país, como o nosso, em que se ergueram barricadas para circunscrever os tipos de abordagem do jazz existentes, com trocas de acusações e por vezes até tiros disparados de um lado para o outro, a mensagem de Eric Revis e o seu exemplo pessoal são de extrema importância. Esperemos que constitua mesmo uma lição a seguir, reconciliando o que tão artificialmente tem estado separado.

Ou isso é esperar demasiado de um concerto, ainda que se preveja, pela audição dos discos, que este será magnífico?

Rui Eduardo Paes

Ensaista, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Eric Revis contrabaixo

Com estudos realizados na University of New Orleans, onde teve Ellis Marsalis como professor, e na St. Mary's University do Texas, Eric Revis é um dos mais proeminentes contrabaixistas e compositores da atualidade. Começou a fazer-se notado acompanhando a lendária cantora Betty Carter e a sua ligação a Branford Marsalis data de finais dos anos 1990 e mantém-se. Em simultâneo, tem trabalhado frequentemente com músicos como Kurt Rosenwinkel, Jeff "Tain" Watts e Russell Gunn. É um terço do projeto experimental Tarbaby, juntamente com Orrin Evans e Nasheet Waits.

Kris Davis piano

Natural de Vancouver, mas residindo em Brooklyn, Kris Davis formou-se no Royal Conservatory e na University of Toronto, no primeiro caso fazendo estudos clássicos e no segundo dedicando-se ao jazz. Com um estilo pianístico muito pessoal, mas devedor a figuras como Cecil Taylor e Andrew Hill, tem-se interessado pela

preparação do piano e pela exploração de técnicas extensivas, perspetiva que vem abordando sob a orientação de um mestre na matéria, Benoit Delbecq. Colaborou já com nomes como Paul Motian, Bill Frisell, Tim Berne, John Hollenbeck e Michael Formanek.

John Betsch bateria

Nascido em Jacksonville, na Florida e formado no Berklee College of Music e na University of Massachusetts-Amherst, onde foi aluno de Max Roach e Archie Shepp, John Betsch tem feito a sua carreira ao lado dos maiores, entre os quais Marion Brown, Henry Threadgill, David Murray, Mal Waldron e Steve Lacy, tendo colaborado com este último durante mais de uma década. Apostado em manter viva a tradição libertária do jazz, surgiu igualmente em disco e em cena com figuras como Marilyn Crispell, Billy Bang, Peter Kowald e Simon Nabatov. Teve ainda tempo para liderar o seu próprio grupo, The John Betsch Society.

Próximo espetáculo

Rule of Thirds

de |acsc| antónio cabrita e são castro

Dança Sex 1, sáb 2 de abril

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M12



© António Cabrita

Nova criação dos coreógrafos e bailarinos António Cabrita e São Castro, inspirada na sensibilidade, intuição e sentido de geometria de uma coleção de instantes captados por Henri Cartier-Bresson, utilizados como mote coreográfico. Com António Cabrita, São Castro, Luís Malaquias e Margarida Belo Costa.

Próximo espetáculo de música

Songbird

Luís Figueiredo / João Hasselberg

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

Jazz Qua 6 de abril

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



© Vera Marmelo

Com este projeto João Hasselberg (contrabaixo) e Luís Figueiredo (piano) dedicam-se exclusivamente à interpretação de temas bem conhecidos do cancionero universal estendendo-o da *folk* a árias de ópera. «Como quem passeia entre as árvores», dizem eles.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Estagiárias:

Cláudia Pereira

Nádia Luís

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Sara Amaral

Estagiária:

Carlota Carmo

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Estagiária:

Mariana Fernandes

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino
(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 5155 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt